

Como fator importante de morbidade e mortalidade, a hipertensão arterial (HA) é uma das principais indicações para o uso de medicamentos. No ano 2000, os Estados Unidos contabilizaram cerca de 400 milhões de prescrições de anti-hipertensivos. Vários agentes, pertencentes a diferentes classes de medicamentos, estão hoje disponíveis para uso na HA; novos produtos estão em fase de pesquisa e em desenvolvimento, retratando o grande interesse médico por novas alternativas terapêuticas, além do grande mercado farmacêutico que a HA representa.

Apesar de todas as alternativas e possibilidades de drogas, as taxas de tratamento e, principalmente, de controle da HA ainda são muito baixas em todo o mundo. Nos Estados Unidos, levantamentos realizados no período 1999-2000 refletem esta realidade. Desde a década de 1970, investimentos têm sido feitos na detecção, no tratamento e no controle dos diferentes fatores de risco cardiovascular naquele país. Muitos progressos foram obtidos; entretanto, apenas 57% dos indivíduos hipertensos estão tratados e 34% controlados, ou seja, com PA \leq 140/90 mmHg nos levantamentos mais recentes publicados no JNC-VII. De fato, este cenário se repete em vários países, inclusive no Brasil, onde se estima que a taxa de controle da HA figure em torno de 10% a 15%.

As razões para as baixas taxas de controle são múltiplas. Muitos pacientes ainda desconhecem que são hipertensos, refletindo primordialmente o caráter assintomático da HA. Muitos também não usam corretamente os medicamentos prescritos, e cerca de 25% a 50% abandonam o tratamento após um ano. Mais curioso ainda é a constatação de que os médicos também não são aderentes às recomendações de redução da PA abaixo de 140/90 mmHg. Vários levantamentos realizados nos EUA, Inglaterra e França demonstraram que, embora os pacientes comparecessem regularmente às consultas médicas e fossem medidas pressões arteriais elevadas, o médico não modificava a dose nem acrescentava novas medicações na grande maioria dos casos.

Outro problema importante no tratamento da hipertensão arterial é a observação de que, pelo menos, a metade dos indivíduos hipertensos não atinge o controle adequado com um tratamento em monoterapia. Diversos estudos ressaltam este aspecto extremamente relevante, especialmente quando a PA se apresenta acima de 160/100 mmHg ou quando outras situações clínicas estão presentes, tais como o diabetes melito tipo 2 e a doença renal. Especialmente nestas duas últimas situações, a meta de redução da PA é ainda menor, o que confere magnitude ao problema.

Neste cenário, a utilização da associação de drogas é hoje uma realidade cada vez mais empregada na prática clínica, seja com medicamentos em separado, seja com associações em doses fixas. Além de demonstrar maior eficácia anti-hipertensiva comparada à monoterapia, tem a vantagem da facilidade posológica e o benefício da utilização das drogas em doses mais baixas, o que potencialmente se associa à menor incidência de efeitos colaterais.



As Diretrizes Brasileiras de Hipertensão Arterial (2002) e o JNC-VII (2003) recomendam que o início da terapia farmacológica para os indivíduos com PA \geq 160/100 mmHg seja feito com a associação de drogas, sendo o diurético uma delas. Assim, maior eficácia anti-hipertensiva, em prazo menor, pode ser alcançada, oferecendo, desta forma, melhor resultado terapêutico ao paciente.

Nesta edição da *Revista Brasileira de Hipertensão*, tivemos o desafio de coordenar a elaboração de um conjunto de artigos que tem por objetivo fornecer uma atualização sobre o tema Associação Fixa de Drogas na Hipertensão Arterial. Para tal, contamos com a colaboração de renomados colegas, oriundos de diferentes instituições, com ampla experiência e balizado conhecimento sobre os temas abordados, traduzindo a dedicação que têm ao estudo, ao ensino, à pesquisa e à assistência na área de hipertensão arterial. Aos autores dos trabalhos, nossos mais sinceros agradecimentos.

Neste número, são revistos os aspectos relacionados ao controle da pressão arterial, às bases farmacológicas para a associação de drogas e o seu emprego nos grandes ensaios clínicos. Por fim, as vantagens e desvantagens do seu uso na prática clínica são discutidas.

Esperamos, com este material, contribuir para uma leitura agradável e útil sobre o tema.

Andréa Araújo Brandão
Editora Convidada